

DO UNIVERSO DAS REDES ÀS REDES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES DA REDE SUL BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, REASUL

Anabel de Lima*
Sirio Lopez Velasco**

RESUMO

As redes são abarcadas pelas mais diversas fontes do saber, sendo que para cada uma delas há uma compreensão diferente para o termo. As redes sociais, nas quais as redes de educação ambiental tomam como base, são orientadas em torno de um desejo coletivo de mudança e impulsionadas pela objetivação de um propósito comum. E através deste recorte, a intenção foi explicitar o que se pesquisou, abordando o processo de implantação e atuação da Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental - REASul, no período de 2002 a 2005. Destacando suas potencialidades e limitações, apresentando subsídios que pudessem auxiliar no seu caminhar.

Palavras-Chave: educação ambiental, redes, REASul.

ABSTRACT

From the World Nets to the Environmental Education Nets: Potentialities and Limitations of the Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental (REASul)

Most sources of knowledge encompass nets but understand the term in different ways. Social nets, which form the basis for Environmental Education nets, are oriented towards a collective desire to change, and triggered by a common goal. This paper aims at reporting our research, i. e., the implementation and the work process of the Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental (REASul), a net in

* Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande (2006). Atualmente é consultora da ECODIMENSÃO Meio Ambiente e Responsabilidade Social. Tem experiência na área de Biologia Geral, Ecologia, Educação para o ensino de Ciências e Biologia e Educação Ambiental. E-mail: anabel@ecodimensao.com.br

** Doutor em Ética no Instituto de Filosofia do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Madrid, España, 2002), professor titular da Universidade Federal do Rio Grande onde atua no Doutorado e Mestrado em Educação Ambiental. E-mail: decsirio@furg.br

Environmental Education in the south of Brazil, from 2002 to 2005. It highlights its potentialities and limitations, besides providing suggestions that can be useful for its future.

Keywords: Environmental Education; Nets; REASul.

1 – A DIVERSIDADE DO CONCEITO REDE

Muitos autores vêm se valendo da abordagem das redes e desenvolvendo novos enfoques teórico-metodológicos “combinando de maneira variada as contribuições disciplinares que lhes parecem válidas, tornando as abordagens cada vez mais multidisciplinares” (SCHERER-WARREN, 1999, p. 22).

Da Sociologia vem a ideia de redes como articulação política, ideológica ou simbólica. A Antropologia faz uso dos conceitos de redes construídas nas relações do cotidiano, como redes de vizinhança, de parentesco, de amizade, referindo-se a redes locais ou geograficamente delimitadas.

A Geografia fala de redes técnicas, de produção, de redes territoriais e de redes sociais urbanas amplas. A análise das redes na Geografia “implica abordagem que, no lugar de tratá-la isoladamente, procure suas relações com a urbanização, com a divisão territorial do trabalho e com a diferenciação crescente que esta introduziu entre as cidades” (DIAS, 1995, p. 149).

Na Biologia as redes estão associadas às cadeias e teias alimentares, à rede de neurônios que compõe o sistema nervoso, à rede de células e moléculas, enfim, são comparadas às redes naturais, as quais apresentam um intenso e efetivo processo de interação entre seus componentes e capacidade de reorganização.

A Administração analisa as redes na esfera do mercado, do consumo, da produção. “Dentre tantas transformações na economia e no meio empresarial, pode-se dizer que o surgimento de novas formas de gerenciamento e atuação empresarial culmina com o desenvolvimento de organizações articuladas em redes que agregam valor a sua cadeia produtiva” (AYRES, 2001).

Na Informática são estabelecidas redes virtuais, utilizando-se de técnicas de telecomunicações que propiciam a instantaneidade e simultaneidade das relações, anulando e aniquilando os fatores tempo e espaço.

Segundo Scherer-Warren (1999, p. 36), essas diversas dimensões podem ser utilizadas de forma complementar, permitindo uma maior compreensão do fenômeno da formação de redes.

Já para Santos (1997, p. 208-209), “as definições e conceituações se multiplicam, mas pode-se admitir que se enquadram em duas grandes matrizes: a que apenas considera o seu aspecto, a sua realidade material, e uma outra, onde é também levado em conta o dado social”. E foi a partir da segunda abordagem que a pesquisa ordenou seu foco, reforçada pela concepção de Inojosa (1999, p. 7):

A rede de compromisso social é aquela que se tece com a mobilização de pessoas físicas e/ou jurídicas, a partir da percepção de um problema que rompe ou coloca em risco o equilíbrio da sociedade ou as perspectivas de desenvolvimento social. Essa percepção ampliada da sociedade atrai essas pessoas para articular-se em função de um propósito comum e leva a definir, em conjunto, um objetivo comum, capaz de ser realizado através dessa articulação, com a preservação da identidade original da cada participante.

A rede não se expressa apenas pela relação entre atores, mas constitui um projeto específico (que se inscreva em um determinado campo de ação) e coletivo (que tem sua força expressa nos laços entre os atores), sendo necessário que os interessados estabeleçam vínculos e interconectem ações, condição para que haja compromisso com o grupo e com a causa escolhida por todos. “As redes necessitam transcender valores meramente racionais, clamando por dimensões polissêmicas da Educação Ambiental” (SATO, 2004, p. 125).

2 – A ARTICULAÇÃO EM REDE

Nossa sociedade se define pelo conjunto de relacionamentos estabelecidos, dos quais se pode dizer que estão organizados sob a forma de redes e compondo um sistema social e funcional, já que as redes podem se estabelecer por meio de conexões preexistentes.

Todo habitante do planeta é o centro de uma variada estrutura de relacionamentos que envolvem outros indivíduos (familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho) e também organizações (empresas, escolas, clubes, associações, governos etc.). “Cada ser humano não se constitui como ser humano senão na medida em que faz parte de uma comunidade humana, ou seja, em que é um *nó* de uma rede de relações na

qual cada nó é um ser humano” (VELASCO, 2003, p. 34. Grifo do autor).

De acordo com Amaral (2004), redes de relações são inerentes às atividades humanas, pois se pensarmos em nossas atividades diárias, veremos emergir um conjunto de redes espontâneas, que derivam da sociabilidade humana e que dão sustentação às novas vidas. As redes não indicam apenas a ligação entre pessoas, mas a interconexão entre elos e suas respectivas relações.

As redes assumem uma potencialidade particular: a de tornarem-se um novo modo de organização das atividades humanas com seus domínios da vida social e econômica. “Mesmo nascendo em uma esfera informal de relações sociais, os efeitos das redes podem ser percebidos fora de seu espaço, nas interações com o Estado, a sociedade ou outras instituições representativas” (MARTELETO, 2001, p. 72).

A organização em rede exige mudanças por meio da criação de projetos alternativos, despertando o trabalho colaborativo (em grupo) e evidenciando novos patamares para a tomada de decisões (através do compartilhamento do poder), “impulsionando ações nos próprios espaços políticos em função de socializações e mobilizações suscitadas pelo próprio desenvolvimento das redes” (MARTELETO, 2001, p. 72).

Mas o próprio processo de organização de uma rede pressupõe certas dificuldades, a começar pela questão conceitual, passando pela falta de cultura e de experiência de trabalho e vivência em rede. A grande maioria dos participantes tem alguma dificuldade em entender a dinâmica e a forma de funcionamento de uma rede, o que pode ser decorrente de uma cultura baseada em estruturas hierarquizadas e permeada por processos econômicos e sociais fragmentadores e excludentes, agravados por “processos de globalização econômica e tecnológica que trazem consigo a transnacionalização ou desterritorialização da cultura” (SCHERER-WARREN, 1999, p. 67).

O contexto atual, portanto, faz com que o indivíduo seja permanentemente obrigado a tomar decisões e a contestar ou definir sua própria identidade, seja ela religiosa, étnica ou territorial. E o faz pela afirmação de si próprio, ou pela afirmação de identidades coletivas, ou ainda pela procura de segurança pessoal e de sentidos para (re)organizar sua vida.

O enorme poder que tem a identidade se expressa tanto no nascimento de alternativas ao sistema por via de movimentos sociais articulados a partir de identidades específicas, quanto na formação de grupos que ficam

encerrados em si mesmos e na autoafirmação de valores e sentidos definidos como forma de proteção diante de um sistema que os exclui (RUIZ, p.???, 2004).

E em resposta à crise de “paradigmas”, surge uma nova forma de compreensão da realidade e dos processos políticos, possibilitando, segundo Scherer-Warren (1999, p. 33), a “articulação de forças sociais diversificadas, na forma de cooperação e solidariedade, em torno de projetos ou sonhos comuns”, diante da “complexidade do cenário político, onde atuam uma multiplicidade de atores”.

Esse novo modo de compreensão da realidade faz com que igualmente novos processos sociais surjam, promovendo uma maior aproximação entre indivíduos e as organizações, de forma a solucionar problemas comuns e explorar oportunidades conjuntas, incentivando diferentes formas de fazer política e de produzir valores culturais.

Nos espaços informais, as redes são iniciadas a partir da tomada de consciência de uma comunidade de interesses e/ou valores entre seus participantes. Entre as motivações mais significativas para o desenvolvimento das redes estão os assuntos que relacionam os níveis de organização social-global, nacional, regional, estadual, local, comunitário. Independentemente das questões que se busca resolver, muitas vezes a participação em redes sociais envolve direitos, responsabilidades e vários níveis de tomada de decisões (MARTELETO, 2001, p. 73).

As redes são concebidas na esfera da sociabilidade política e cultural, numa dada territorialidade e temporalidade. Para autores como Castells (1999), a própria contemporaneidade pode ser definida, entre outras coisas, pelo “estar em rede”, sendo esse um dos traços que caracterizam nossa época. “Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura” (CASTELLS, 1999, p. 497).

Conforme Scherer-Warren (2002), as redes sociais podem ser definidas através de interações horizontais e práticas sócio-políticas pouco formalizadas ou institucionalizadas, entre grupos e atores informais, engajados em torno de projetos comuns, construídos ao redor de identidades e valores coletivos, assumindo o papel de instrumento de organização e mobilização das lutas.

3 – A REDE APRESENTA CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS

Os novos processos interativos entre os atores coletivos participantes na gestão de políticas sociais têm-se dado por meio de redes e de parcerias. As redes caracterizam-se pela busca de articulações mais horizontalizadas, evitando o centralismo e a burocratização organizacional. Envolvem a participação de atores múltiplos (de movimentos, ONGs, cidadãos informais), para a realização de metas ou projetos comuns, que se constroem diante de conflitos ou de uma ação solidária. As parcerias caracterizam-se pela relevância que atribuem à complementaridade de esforços, pelos princípios de cooperação e solidariedade na realização de um programa social (SCHERER-WARREN, 1999, p. 62).

As redes têm surgido como um modo de organização compatível com iniciativas que propiciam autonomia e flexibilidade, no qual a identidade do ser humano é auferida por sua participação no processo como um elo da rede. “A morfologia da rede também é uma fonte de drástica reorganização das relações de poder” (CASTELLS, 1999, p. 498).

“Cada rede apresenta uma configuração particular, a qual depende do ambiente onde se forma e atua, da cultura política dos membros e dos objetivos compartilhados” (MARTELETO, 2001, p. 71). Portanto não há um modelo para definir o padrão organizacional de uma rede, pois suas configurações e dinâmicas são um tanto variadas; o que há em comum são princípios gerais que servem como iniciativa para esta forma de organização e que irão modelar sua estrutura e modos de atuação.

Conforme sugerem Lipnack & Stamps (1992), Whitaker (1993), Scherer-Warren (1999), Ayres (2001), Fachinelli (2002), Costa et al. (2003) e Martinho (2004), a seguir serão listados tais princípios:

- a) Propósito comum: o que une os diferentes membros de uma rede é o conjunto de valores e objetivos que eles estabelecem como comuns. “[...] o espírito que move uma rede é a existência desse propósito unificador, que sugere um conjunto de valores e atitudes compartilhados pelos participantes, de forma explícita, igualitária, democrática e participativa” (SCHERER-WARREN, 1999, p. 28).
- b) Co-responsabilidade: todos têm o mesmo nível de responsabilidade na tomada de decisões e na realização dos objetivos da rede; todos são co-responsáveis por seu funcionamento, o que requer iniciativa individual.
- c) Participação: é necessária a participação ativa de cada integrante para

que a rede progrida, mas essa participação deve se dar de forma democrática, pautada pela transparência nas relações.

d) Autonomia: cada integrante mantém sua independência em relação à rede e aos demais integrantes, pois possui e preserva sua própria identidade e representa e agencia o projeto coletivo da rede.

e) Horizontalidade: não há poder central; ele está descentralizado entre os integrantes, visto que a rede distribui poder entre todos e dá poder a cada um. Cada membro da organização é autônomo em sua ação, mas responsável pelos seus efeitos na realização dos objetivos do conjunto.

f) Descentralização: “uma rede não tem centro, pois cada elo é um centro em potencial” (MARTINHO, 2004), proporcionando a existência de múltiplos caminhos. O conjunto resultante é como uma malha de múltiplos fios, que pode se espalhar indefinidamente para todos os lados, sem que nenhum dos seus nós possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais.

g) Múltiplos níveis: no interior de uma rede podem se formar sub-redes com objetivos específicos, como grupos de ações, grupos de estudos e debates temáticos, grupos regionais, ou listas de discussão capazes de operar independentemente do restante da rede, de forma temporária ou permanente, conforme a demanda ou a circunstância.

h) Comunicação: a comunicação e o fluxo de informações deve ser livre e circular entre todos os membros da rede, os quais são receptores e interlocutores, contribuindo também com o compartilhamento de ideias, experiências e ainda a tomada de decisões. A utilização de tecnologias comunicacionais colabora para um ambiente de compartilhamento de ideias, experiências e informações.

i) Multiliderança: não há chefes em uma rede, mas sim muitos líderes, interagindo e assumindo diferentes tarefas dentro de uma estrutura.

j) Solidariedade: as redes se contrapõem à cultura do “levar vantagem” e do “guardar para si”. “Solidariedade, no caso, significa responsabilidade social com o bem comum, conciliando interesses individuais e comunitários, e promovendo o bem comum mediante a participação complementar e ampliada de atores e organizações sociais” (SCHERER-WARREN, 1999, p. 51).

k) Isonomia: é a sujeição de todos os membros aos mesmos princípios e regras de funcionamento. “Há isonomia quando todos são iguais perante um mesmo conjunto de normas e seguem a mesma lei de maneira indistinta. [...] todos são iguais politicamente, isto é, todos têm direito ao mesmo tratamento e compartilham os mesmos direitos e deveres” (COSTA et al., 2003, p.79).

l) Conectividade: ao estabelecer uma conexão, uma multiplicidade de relações é estabelecida e, por sua vez, produz novas relações, as quais

podem abrir um vasto campo de possibilidades e oportunidades. Dessa forma, uma rede está em permanente configuração, pois cada indivíduo é o centro de uma variada estrutura de relacionamentos que envolvem outros indivíduos e também organizações.

m) Empoderamento: a rede realiza uma operação de potencialização ou empoderamento, na qual cada integrante recebe um investimento de confiança e poder.

Enfim, a sustentação de uma rede está apoiada nos múltiplos níveis de organização e ação, na corresponsabilidade, na aprendizagem relacional, na transparência, na cooperação, na interdependência, na solidariedade, na inovação, na integração e no compartilhamento de experiências, pois cada membro é autônomo e responsável pela realização dos objetivos propostos.

Para tanto, requer participantes independentes, motivados, não limitados por hierarquias, uma vez que cada um possui talentos únicos para oferecer ao grupo.

A rede não se expressa apenas pela relação entre atores, mas constitui projeto específico, coletivo, com uma dinâmica própria: é necessário compartilhar um projeto que se inscreva em um campo de ação, mas que tem sua força expressa nos laços entre os atores. Sendo assim, é necessário que os interessados estabeleçam vínculos, interconectando ações e projetos, condição para que haja compromisso com o grupo e com a causa escolhida por todos.

A participação assumida, livre e consciente dos que realizam uma ação coletiva [...] será tanto maior quanto mais forem preenchidas três condições básicas: 1) que a realização do objetivo perseguido seja vital para quem participe da ação; 2) que o objetivo só possa ser alcançado se houver efetiva participação; 3) que seja aceito como legítimo, pelos participantes da ação, o poder dos que dirigem, comandam, coordenam ou servem os que agem (WHITAKER, 1993).

De certa forma, é importante também desmistificar a beleza do modelo, no plano teórico, para minimizar as surpresas e frustrações que a realidade da prática da articulação em rede possa revelar, já que pode tratar-se de uma utopia de transformação, pois estamos influenciados pelas velhas estruturas de organização do poder e certamente tentaremos reproduzi-la.

4 – A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO UM PROPÓSITO PARA TECITURA DE REDES

A Educação Ambiental (EA) deve estar pautada na visão de um ambiente por inteiro, isto é, considerando a interdependência sistêmica entre o meio natural e construído, sempre respeitando os fatores históricos, culturais e sociais dos envolvidos. Em um processo educativo contínuo e transversal, de abordagem articulada entre as questões locais e globais, sempre vinculado à ética, praticada especialmente por meio da transparência, do diálogo e de estratégias democráticas. Deve ainda considerar e valorizar as diferentes formas de conhecimento, orientando o indivíduo a expressar suas potencialidades, desenvolver sua capacidade crítica e o senso de iniciativa e responsabilidade.

A ideia de redes de EA surge na década de 1990 e a partir de então, esta nova forma de articulação vem ganhando força, pois permite a fácil interligação e a interação entre educadores das mais diversas localidades, articulando princípios que vão do diálogo de saberes à convivência entre as diversidades (LIMA, 2006, p. 33).

“As redes de Educação Ambiental não são proposições tradicionais, nasceram de um ideal libertário na construção de utopias individuais e coletivas, visando à inclusão social e à justiça ambiental” (SATO, 2004, p. 125).

A Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA) foi instituída no início da década de 1990 por meio da articulação entre pessoas e instituições atuantes na área de EA, sendo concretizada durante a Jornada de EA promovida pelo Fórum Global, evento paralelo à RIO-92. A REBEA foi uma importante propulsora para o surgimento de redes estaduais e regionais de EA em todo o território nacional.

Em 2001, reconhecendo a importância da articulação dos educadores ambientais e suas instituições em modelos de organização horizontal, o Ministério do Meio Ambiente (MMA), por meio do Programa Nacional de Educação Ambiental, iniciou uma ação de fomento à estruturação e fortalecimento de Redes de Educação Ambiental. Nesse sentido, o Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) forneceu apoio ao fortalecimento da Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA) e da Rede Paulista de Educação

Ambiental (REPEA), e também à estruturação da (Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental (REASul), da Rede Aguapé e da Rede Acreana de Educação Ambiental.

As redes de EA lutam dia a dia para se estabelecerem como processos de mudança social, que inicia como prática educacional e política. E diante das diversas dificuldades que as redes enfrentam em sua trajetória, é sempre importante que reavaliem suas estratégias, revejam seus parâmetros, redefinem objetivos e metas, construam novas parcerias etc., se fortalecendo para continuar uma caminhada que consiste em “construir novos espaços para a ação cidadã, espaços mais democráticos, e dinâmicos, centrados na colaboração, na solidariedade e na corresponsabilidade” (GUERREIRO, 2002).

5 – O IMPULSO DA PESQUISA, A REDE SUL BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL – REASUL

A REASul foi criada como uma das metas do projeto “Tecendo Redes de Educação Ambiental na Região Sul” (convênio MMA/FNMA 07/2001), cujos objetivos consistiam em:

1. Integrar as ações em EA no âmbito dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, através da criação e consolidação da REASul.
2. Estruturar um serviço interinstitucional de informação através de *websites* para difusão de informações, conhecimentos, práticas educacionais e desenvolvimento de metodologias em EA.
3. Promover um diagnóstico do estado da arte em EA na região Sul para fortalecer e ampliar formas de integração e articulação entre instituições, órgãos públicos, agentes/educadores ambientais, listas eletrônicas de comunicação e discussão.
4. Desenvolver a cooperação técnica de serviços de informação e comunicação eletrônica entre as instituições participantes, com o Sistema Brasileiro de Informação sobre Educação Ambiental – SIBEA, a Rede Brasileira de Educação Ambiental – REBEA, e outras redes estaduais, para a difusão de informações, conhecimentos, aspectos teórico-metodológicos e práticas educativas relacionados à EA.
5. Fomentar a estruturação e o fortalecimento de elos regionais e núcleos de pesquisa em EA, para capacitação de agentes/educadores ambientais, e de pessoal para manutenção dos processos de

sustentabilidade de redes informacionais.

Durante a execução do projeto, foi se definindo a finalidade da REASul como um instrumento de difusão e fortalecimento da EA, em nível regional, abrangendo os três estados do sul do País, e também nacionalmente, “contribuindo para diagnosticar, socializar e dar visibilidade a projetos e ações na área, fornecendo subsídios para os processos de formação de educadores, gestores ambientais e de políticas públicas” (GUERRA et al., 2003).

Atualmente a REASul apresenta novos objetivos e tem como finalidade:

Debater e traçar rumos para difundir e fortalecer a EA no Brasil, e, particularmente, na região Sul, contribuindo para diagnosticar, socializar e dar visibilidade a projetos e ações na área, fornecendo subsídios para os processos de formação de educadores e gestores ambientais e para as políticas públicas (GUERRA et al., 2004, p. 178).

E a presente pesquisa (a qual integrou uma dissertação de mestrado), propôs-se a averiguar o processo de formação e a atuação da Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental – REASul no período de 2002 a 2005, verificando seu funcionamento, avaliando seus impactos e identificando seus pontos fortes e fracos, a fim de averiguar o quanto ainda se tem de avançar na atuação em redes.

A metodologia consistiu em análise documental sobre o processo de construção e desenvolvimento da REASul e coleta de dados por meio de entrevista com um universo de 15 membros da rede nos três estados da região Sul, através dos quais foram analisados: a) as percepções dos participantes em relação ao que são redes de educação ambiental; b) o modo como os participantes estabeleceram seu primeiro contato com a REASul e de que forma foram motivados a participarem da rede; c) se os participantes conheciam os objetivos e os fundamentos norteadores da rede, a fim de averiguar se sustentam junto a ela um propósito comum e se suas ações estão embasadas nesses princípios; d) identificar as virtudes e os pontos positivos da REASul, bem como as adversidades e os pontos negativos, com a possibilidade de sugestões para melhoria de atuação da rede; e) constatar se esses participantes estão satisfeitos com o modo de atuação da referida rede.

Para a averiguação, tanto do material documental como das entrevistas, foi utilizada a Análise de Conteúdo, uma técnica que “procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. (...) a análise de conteúdo é a busca de outras realidades *através* das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 44. Grifo da autora), fundamentada nos/as autores/as Bardin (1977), Minayo (1994) e Moraes (1999).

O conceito de redes de Educação Ambiental é visto em grande parte como espaço de troca e intercâmbio de informações e interlocução e articulação entre diversos educadores (o que independe da localização geográfica) que apresentam objetivos em comum. Assim, a rede passa a ser também uma forma de organização que potencializa as pessoas e as ações que elas executam.

Mas praticar e difundir a cultura de rede é um desafio até mesmo para seus participantes, visto que mediar as vontades e necessidades de todos não é uma tarefa fácil, especialmente pela grande diversidade que os/as integrantes apresentam.

A falta de espaços de formação e informação sobre EA e a possibilidade de integração com outras pessoas da região Sul para realização de intercâmbios intelectuais, culturais e afetivos, foi o que mais motivou à adesão de pessoas à REASul. A abrangência regional fomenta uma grande diversidade, apontada tanto como um elemento que possibilita uma rica troca de experiências e até mesmo a realização de ações conjuntas, quanto um grande desafio: o de articular três estados com legislações, contextos e demandas bastante diferenciadas.

Os resultados demonstraram uma atuação positiva da REASul e o fato de não haver grandes diferenças entre as opiniões e perspectivas dos participantes nos três estados, demonstrando que a REASul atua de forma similar em toda a região Sul.

O *site* da rede é bastante utilizado, principalmente como um calendário de eventos em EA a permitir que os educadores estejam sempre se informando. A Biblioteca Virtual também é acessada com frequência por quem procura informações mais aprofundadas, assim como a lista de discussão, utilizada para obtenção e troca de informações em EA com outros educadores, docentes e discentes.

Mas esse fator também demonstra que a REASul está muito mais voltada para a divulgação de informação do que a promoção da articulação entre seus membros, virtual ou presencialmente, o que pode estar ocorrendo pelo baixo número de facilitadores e/ou animadores na

lista de discussão e pela falta de verba para promover encontros e reuniões entre educadores que dela fazem parte.

A realização do diagnóstico do estado da arte da EA na região Sul tornou-se a principal ação da REASul durante a realização do projeto “Tecendo Redes de Educação Ambiental na Região Sul”, até mesmo dificultando outras ações da rede, especialmente para sua consolidação. Mas tal diagnóstico foi visto como um grande trunfo da rede, mesmo que não tenha contemplado todos os municípios de cada estado do Sul, mesmo que a análise dos resultados não tenha sido tão aprofundada.; esse diagnóstico tornou-se uma referência para educadores e instituições (até mesmo governamentais), pois foi o primeiro do gênero de que se tem relato na região.

A REASul apresentou falhas no momento de difundir seus princípios e fundamentos, padrões de funcionamento e cultura de rede, pois grande parte dos entrevistados disse que isso existe dentro de uma rede, mas não os conhecem, não os exercendo ou procurando exercê-los da maneira como interpretam determinado princípio.

Isso converge na não divisão de tarefas ou no não assumir determinadas funções na rede, fazendo com que fiquem concentradas nas mãos de poucos, o que pode ocorrer tanto por centralização de poder dentro da REASul, quanto pela acomodação, falta de disponibilidade (pela grande demanda de trabalho diária) e não envolvimento dos membros.

Quanto a alguns princípios norteadores de rede, na REASul foi constatado que ocorre incentivo à participação, mas para muitos integrantes, não fica claro como participar das ações e da lista da REASul. Em relação à corresponsabilidade, averiguou-se que esse princípio é respeitado na rede, mas poderia sê-lo de forma mais comprometida por parte de seus integrantes. O princípio da autonomia é proporcionado pela REASul, mas grande parte de seus membros não sabem como exercê-la, o que implica algumas vezes no não aparecimento de outras lideranças, concentrando o poder nas mãos de poucos. E conseqüentemente o princípio da horizontalidade fica comprometido, seja pela disputa de poder, pela necessidade de ter sempre alguém no comando (pois poucas pessoas participam de forma espontânea e efetiva) ou porque a horizontalidade é um princípio que ainda não se conseguiu pôr em prática.

A REASul se destaca por difundir a cultura de redes, mas há a

necessidade de um trabalho permanente de conquista, de mobilização, de envolvimento das pessoas para que realmente se sintam integrantes da rede, a fim de contribuir para a prática de seus fundamentos e objetivos e para sua real consolidação.

Os resultados demonstraram o quanto ainda tem de se avançar em termos de redes de Educação Ambiental e foram além: apresentaram subsídios que, ao longo desses anos (2005 a 2009), foram incorporados e auxiliaram o caminhar da REASul.

Mas cabe ressaltar que a prática dos princípios de rede é um tanto difícil, pois a grande maioria das pessoas ainda não está suficientemente preparada para atuar como elo, necessitando rever suas intenções em participar de uma rede e também reavaliar sua atuação, de forma a ser um polo efetivo, já que cada ser humano é único e apresenta talentos que podem ser de extrema importância à rede.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Viviane. Redes sociais e redes naturais: a dinâmica da vida. Disponível em: <http://www.rits.org.br/redes_teste/download/tema_fevereiro2004>. Acessado em: mar. 2004.

AYRES, Bruno R. C. Redes organizacionais no terceiro setor - um olhar sobre suas articulações. Disponível em <<http://dqz.org.br>>. Acessado em: jul. 2003.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. Tratado de Educação Ambiental. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/sdi/ea/Tratea.cfm>>. Acessado em: out. 2003.

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente; Ministério da Educação. Programa Nacional de Educação Ambiental. Brasília: MMA, 2004.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Larissa; JUNQUEIRA, Viviane; MARTINHO, Cássio; FECURI, Jorge (Coord.) Redes: uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização. Brasília: WWF-Brasil, 2003.

DIAS, Leila Christina. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 141-162.

FACHINELLI, Ana Cristina; MARCON, C.; MAINET, N. A prática da gestão de redes: uma necessidade estratégica da Sociedade da Informação. Revista ComCiência, 2001. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/socioinfo>>. Acessado em: maio 2004.

GUERRA, Antonio Fernando S. et al. Reflexos sobre o diagnóstico parcial da Educação Ambiental e suas práticas na Região Sul: o olhar da REASul. In: II Simpósio Sul

Brasileiro de Educação Ambiental, I Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental, I Encontro da Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental, 2003, Itajaí. Anais. Itajaí: UNIVALI, 2003. 1 CD-ROM a.

GUERRA, Antonio Fernando S.; TAGLIBER, José Erno; FREITAS, José Vicente de; OLIVEIRA, Karina Luiza de; RODRIGUES, Ana Maria T.; MOYA NETO, João; LIMA, Anabel de; PERES, Regina S.; PINHO, Genoína B.; GIOVELLI, Alessandra; SANTOS, Tatiane P. dos. Um olhar sobre EA e suas práticas na região Sul – a contribuição da REASul. Ambiente e Educação, Rio Grande, v. 9, p. 177-198, 2004.

GUERREIRO, Jaqueline. Educação Ambiental em Rede: Tecendo Utopias. Texto, 30/05/2002.

INOJOSA, Rose Marie. Redes de Compromisso Social. Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro, v. 33, n. 5, p. 115-141, set./out. 1999.

LIMA, A. de. 2006, Do universo das redes às redes de Educação Ambiental, potencialidades e limitações da Rede Sul Brasileira de Educação Ambiental - REASul. Rio Grande-RS, 2006. 161 f. Dissertação. Mestrado em Educação Ambiental. Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande.

LIPNACK, Jessica; STAMPS, Jerley. Networks. Redes de Conexões. Pessoas conectando-se com pessoas. São Paulo: Aquariana, 1992.

MARTINHO, Cássio. Redes e desenvolvimento local. Disponível em: <http://www.rbc.org.br>. Acessado em: dez. 2003.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação. Ciência da Informação. Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. de 2001.

MINAYO, Maria Cecília de S. et al. (orgs.) Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. Educação. Porto Alegre, ano XXII, n. 37, p. 7-32, mar. 1999.

RUIZ, Osvaldo López. Manuel Castells e a “era da informação”. Disponível em: <http://www.comciencia.br>. Acessado em abr. 2004.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção, a natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e Emoção. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SATO, Michèle. Fios Pó-éticos e malhas surrealistas na tessitura das redes sociais. Revista Brasileira de Educação Ambiental. Brasília, n. 1, p. 123-129, nov. 2004.

SCHERER-WARREN, Ilse. Cidadania sem fronteiras - ações coletiva na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.

VELASCO, Sirio Lopez. Ética para o século XXI. Rumo ao ecomunitarismo. Vale dos Sinos/RS: Editora UNISINOS, 2003.

WHITAKER, Francisco. Rede: uma estrutura alternativa de organização. Mutações Sociais. Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, mar./abr./maio de 1993.

